

Para o estudo de formação e expansão do dialeto caipira em Capivari

For study of formation and expansion about the caipira dialect at Capivari

Rosicleide Rodrigues Garcia¹

¹ Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Universidade de São Paulo (USP)

rhozzi@usp.br

Abstract: Looking for answering many questions about the speech of São Paulo, this article is going to do diachronic and synchronic notes on the linguistic variants which were registered in a brief study about the actual oral dialog and public notary's office documents of XIX century in Capivari. This part of the country was specially researched because it was the birth town of Amadeu Amaral, who wrote "O dialeto caipira" (The Caipira Dialect) in 1920. Through this study, it may be seen the register of the phonetic variants realized daily and that they are, in fact, dialect inheritance which was rounding of the Paulista Portuguese even before the comments made by Amaral, and remained in the language even after the democratization of basic education, external influences and introduction of various forms of communication.

Key words: *caipira dialect; linguistic variants; Amadeu Amaral.*

Resumo: Buscando responder a diversas questões acerca do linguajar da cidade de São Paulo, este artigo fará apontamentos diacrônicos e sincrônicos das variantes linguísticas que foram registradas em um breve estudo da oralidade atual e em meio a textos de documentos cartoriais do século XIX da cidade de Capivari, local especialmente pesquisado por ter sido o berço natal do autor da obra "O dialeto caipira", Amadeu Amaral (1920). No trabalho veremos o registro de variantes fonéticas tão presentes em nosso cotidiano e que se trata, na verdade, de heranças dialetais que já circundavam o português paulista antes mesmo das observações feitas por Amaral, e permaneceram na língua mesmo após a democratização do ensino básico, influências externas e introdução de diversas formas de comunicação.

Palavras-chave: *dialeto caipira; variantes linguísticas; Amadeu Amaral.*

Introdução

Este artigo pertence ao projeto *Formação e expansão do português paulista ao longo do Rio Tietê a partir do séc. XVI¹*, sob orientação do Prof. Dr. Manoel Mourivaldo Santiago Almeida da Universidade de São Paulo, objetivando buscar o estado de língua na região e período supracitados. Dentre as localidades estudadas está a região de Capivari, a 108 quilômetros de São Paulo, terra de passagem das monções (HOLANDA, 1976, p. 78) e cidade natal de Amadeu Amaral: autor de *O Dialeto Caipira* (1920). O trabalho tem como proposta a busca exaustiva de variantes linguísticas em documentos cartoriais editados do século XIX e um breve exame do falar dos capivarianos, cotejando a locução atual com as variantes registradas nos fólios, de modo a expressar (ou não) os estudos dialetais feitos pelo autor em questão, demonstrando, assim, o que já pertencia à língua antes de suas observações e o que permaneceu após quase um século da publicação de seu livro.

¹ Este é um subprojeto do Projeto Caipira, que está desenvolvendo pesquisas relacionadas à comunidade linguística de São Paulo por pessoal ligado basicamente à Área de Filologia e Língua Portuguesa da USP.

Como o estudo é feito sobre a base escrita, as considerações abordadas partirão da presença de metaplasmos e fenômenos diversos nos vocábulos, o que auxiliará novas pesquisas para compreensão do que é herança, arcaísmo, ou variação ambiental por influência do contato com outros povos. De qualquer forma, este artigo procurará apontar as variantes, não adentrando na historiografia da região, correntes migratórias, ou comparações aprofundadas de isoglossas, apenas focando as ocorrências e mudanças sofridas nos vocábulos registrados nos documentos cartoriais e nos diálogos de alguns capivarianos.

O corpus

Para compreender o processo de formação do dialeto paulista através da base escrita, foi realizada a edição de 72 documentos cartoriais da cidade, provenientes do período imperial, sendo 184 fólios, e deles retiradas cerca de 400 variantes. Os primeiros fólios são do Livro de Notas nº 2 de 1785 do Museu e Arquivo Municipal de Itu (MAHMI), os segundos são do Livro de Notas nº 19 de 1808 do Museu Republicano “Convenção de Itu” e demais documentos são fólios diversos das caixas nº 54, 185, 186 e 187, séries CO0234, CO0980, CO0981 e CO0982 (respectivamente) de 1819 a 1888 do Arquivo do Estado de São Paulo.

O breve estudo do falar capivariano utilizou as entrevistas de quatro moradores, sendo eles dois homens e duas mulheres entre 60 e 91 anos, com pouco grau de escolaridade, pertencentes à classe média-baixa, média e média-alta, e residentes na região desde que nasceram. Durante as transcrições, procurou-se respeitar a oralidade dos entrevistados, permanecendo-se fiel a truncamentos, repetições, pausas, ênfases, interrupções, interrogação, fáticos, e principalmente à presença de metaplasmos.

Para que fosse feito o trabalho comparativo, reproduziu-se o caminho de Amaral (1955) em seu capítulo sobre Fonética: abordar-se-á a generalidade do falar dos habitantes, dos fonemas e suas alterações normais, das vogais, grupos vocálicos, consoantes e modificações isoladas.

O estudo através dos documentos do século XIX

A pesquisa revela registros das características pontuadas por Amaral (1920) já pertencentes à língua antes de suas observações, pois os documentos datam de anos anteriores ao seu nascimento. Mesmo tendo sido escritos, em sua maioria, por pessoas letradas (escrivães e secretários), é possível encontrar características do dialeto caipira.

O falar caipira

Amaral (1955, p.45-46) assim descreve a fala dos usuários do dialeto caipira:

[...] o tom geral do frasear lento, plano e igual, [...] Este fenômeno ligado à lentidão da fala, ou, antes, se resolve num simples aspecto dela, pois a linguagem vagarosa, cantada, se caracteriza justamente por um estiramento mais ou menos excessivo das vogais. [...] Compreende-se que o caipira paulista, no seu pausado falar, que por força há de apoiar-se mais demoradamente nas vogais, não praticando em tão larga escala mutações e elisões.

No estudo, são poucos os casos de elisões. Apenas nos fólhos de 1836, teremos: *d'excluir, d'incluir, d'acordo, d'outra, d'abandonar, d'antes, d'apposição, d'artigos* nos fólhos de 1936; em 1838, *desda*; e no de 1859, *d'urgente*. Entretanto, percebe-se um grande número de variações de vogais em termos de rebaixamento e alçamento, e síncope de alguns fonemas e sílabas em vocábulos.

Segundo Noll (2008, p. 278), é característica do português brasileiro:

- a conservação parcial da variação pretônica de [e – i], [ẽ – ã], [o – u], que, no português europeu, ainda ocorria no séculos XVI e XVII;
- uma manutenção tendencial das vogais pretônicas e pós-tônicas [e], [a], [o], que, no português europeu do século XVIII, foram preponderantemente reduzidas ([ə], [ɐ], [u]);
- a manutenção das vogais finais [a], [i], que no português europeu do século XVIII foram reduzidas para [ɐ], [ə].

Portanto, o que Amaral (1920) caracteriza como “lenticão” parte-se da percepção sobre o uso das vogais no falar caipira cuja conservação é característica brasileira. Tal caracterização é encontrada em Caldcleugh (1825, p. 65-6):

O português falado pelos brasileiros é facilmente distinguível do utilizado pelos nativos do país de origem. O modo de falar é muito mais lento, uma peculiaridade a ser observada em todas as colônias, e só pode ser contabilizada pelo clima, privando-os de atividade mental de que não é deficiente na Europa, produzindo, na verdade, considerável lassidão.

De acordo com Noll (2008, p. 175), a teoria que acreditava ser o clima elemento de fator para mudanças linguísticas “é seguida até o século XX”.

De qualquer modo, vemos que o dialeto caipira trouxe variantes e as manteve, conforme Vasconcelos (1928, p. 335-336): “a linguagem popular contém muitas formas arcaicas (...) bem como muitas formas intermédias [além de] conter muitas formas em fase mais adiantada que as literárias”.

As variantes

Lembremos que a pesquisa segue como guia a obra de Amaral, o qual separou as alterações fonéticas em subseções denominadas *vogais, grupos vocálicos, consoantes e modificações isoladas*. Nas subseções *modificações isoladas* deste artigo (uma referente ao século XIX e outra para o XXI), ficarão os casos em que sílabas sofreram alteração.

Vogais tônicas

De acordo com Amaral (1955, p. 48), “as tônicas, em regra, não sofrem alteração”. A confirmar, seguem alguns exemplos que aparecem acentuados:

Variante	Vocábulo	Ano do fólio
Agóra	agora	1881; 1882
chegáraõ	chegaram	1872
Clamôr	clamor	1861
desprêzo	desprezo	1861

Variante	Vocábulo	Ano do fólio
Enderéça	endereço	1861
Escóla	escola	1884
govêrno	governo	1864
róza	rosa	1882

Também houve casos de se acentuar monossílabos átonos, como o artigo definido *úm* (um) no fôlio de 1861, e a conjunção *más* (mas) no de 1842. E alguns verbos, como *dár* (dar) no fôlio de 1840, *fór* (for) de 1842, e *vér* (ver) no fôlio de 1872.

Excetuando esses exemplos, verificou-se que, de cerca de 400 variantes, apenas vinte e duas apresentaram modificação na vogal tônica, admitindo, então, o observado por Nunes (1989, p. 32): “o tônico da língua vulgar persiste em português”.

Considerações sobre as que sofreram alteração:

Variante	Vocábulo	Ano	Justificativa
Álem	Além	1854	Segundo Vasconcelos (1928, p. 367) “a pronúncia moderna é <i>àlem</i> e <i>aquém</i> , com <i>a</i> aberto, que se justifica pelos <i>aa</i> antigos”.
Recolhio	recolheu	1843	Alçamento da vogal tônica
Curpo	Corpo	1880	
necessete	necessite	1785	rebaixamento da vogal tônica
fedelessima	fidelíssima	1785	
Esperito	espírito	1832	
Legetimo	legítimo	1833	
caminhos	caminhos	1841	
Veve	vive	1843	
Vente	Vinte	1846	
Paes	país	1852	
Maurecio	Maurício	1854	
Provincia	província	1845	
		1854	
Cidadoês	cidadãos	1850	a alteração do sufixo – <i>ao</i> para – <i>ões</i> dá-se devido ao “cruzamento que se opera entre palavras que têm significação e som muito parecidos” (NUNES, 1989, p. 152).
Cidadons		1836	
Offeinda	ofenda	1840	Epêntese
esverdinhada	esverdeada	1864	Palatização
pequenhês	pequenez	1834	
Pessôas	peessoas	1864	Arcaísmo gráfico à forma latinizada <i>persona</i>
Ordeou	ordenou	1884	Desnasalação

Segundo Amaral (1955, p. 48), as vogais “quando seguidas de ciciante (s, z), no final dos vocábulos, se ditongam pela geração de um *i*: *rapáiz*, *mêis*, *nóis*, *luiz*”. Nos documentos, encontrou-se *féis* (fez) no fôlio de 1854, corroborando com o apontamento do autor e de Viaro (2004, p. 199), que analisa essa epêntese como um fenômeno brasileiro: “em sílabas tônicas finais em que há vogal seguida de */s/*”.

Vogais átonas postônicas

Amaral (1955, p. 49) segue: “não se operou aqui a permuta do *e* final por *i*, que se observa em outras regiões do país (*aquêli*, *êsti*), como não se operou a de *o* por *u*

(*povu, digu*)”. Sobre a presença gráfica de tal observação, nada foi encontrado.

Os demais metaplasmos são ignorados, chamando atenção apenas para os “vocábulo esdrúxulos, [cuja] tendência é para suprimir a vogal da penúltima sílaba e mesmo toda esta”². O caso de síncope em palavras postônicas é somente visto em um exemplo. Seguem os demais fenômenos encontrados:

Variante	Vocábulo	Ano	Justificativa
camera	câmara	1785; 1855	Dissimilação de vogais
portufelicenses	porto-felicenses	1836	
Possuim	possuem	1872	Alçamento
Apícula	apícola	1883	
Agrícula	agrícola	1869; 1883	
Cadavres	cadáveres	1851	Síncope
Digueno	digno	1865	Epêntese de vogal
Vantageins	vantagem	1840	
Calysaia	calísia	1882	
Lem	Lei	1884	Nasalação

Vogais átonas pretônicas

Ainda sobre a cita obra (1955, p. 49): “*e* inicial aparece em *i* nasal; (...) medial muda-se frequentemente em *i*, [embora] na pronúncia portuguesa tem-se dado justamente o fenômeno contrário (dissimilação)”. Ainda: “*o* – medial, muda-se muitas vezes em *u* (...) [mas] conserva-se nos derivados e nas formas flexionadas”. A respeito de *en, em*: “muda-se em *in*” e *on* “medial, muda-se em *u*”.

As variações nas vogais pretônicas são numerosas. Apesar de haver diversos exemplos de alçamentos, também ocorrem os de rebaixamento. Conforme Mattos e Silva (2006, p. 59):

Talvez C. Maia (1986, p. 357-9) esteja certa quando diz que é possível que durante alguns séculos a língua se caracterizasse por um estado de flutuação fonética entre realizações da pretônica anterior inicial que oscilaria entre um [e] e um [ɛ], muito breve, próximo a [i] podendo, em certos itens do léxico, ditongar-se.

Assim, foram encontrados: 86 casos de assimilação; 66 de dissimilação; 24 de alçamento; e 39 de rebaixamento. Os outros fenômenos são:

Variante	Vocábulo	Ano	Justificativa
enconomizar ³	economizar	1854	Nasalação
Trazitaõ	transitam	1835	Desnasalação
demonstrado	demonstrado	1841	
demonstrar	demonstrar	1843	

² *Op.cit.*

³ Em Nunes (1989, p.57): “tanto a língua repugna o *e* e *i* iniciais isolados que, quando os conserva, muitas vezes os nasaliza”.

Espetor	inspetor	1860	
perezidente	presidente	1855	anaptixe
Adimirar	admirar	1886	Epêntese
diginissimo	digníssimo	1860	
Ainda	<i>inda</i>	1834; 1845	Aférese ⁴
te / the	até	1835; 1836; 1840; 1843; 1846	
atravessias	travessias	1852	Prótese
<i>Antrior</i>	anterior	1841	Síncope
Marchal	Marechal	1845; 1846	
<i>detriorado</i>	deteriorado	1852	
Insptor	inspetor	1857	
<i>Priudo</i>	período	1864	
<i>impossibilitaõ</i>	impossibilitam	1872	

Grupos vocálicos

Em “O Dialeto Caipira” há os apontamentos (AMARAL, 1955, p.50-51):

[...] *ai*, antes da palatal *x*, reduz-se à prepositiva; *ei* reduz-se a *ê* quando seguido de *r*, *x*, ou *j*; nos vocábulos seguidos de *o* ou *a* como *ceia*, *cheio*, *veia*, também aparece às vezes representado por *ê*; *ou e oi*, acentuado ou não, contrai-se em *ô*; *ei*ⁿ (*em*), em final de vocábulos, reduz-se a *e* grave; *ôu* (*om*), com a preposição *com*, reduz-se à vogal nasal *um*, quando se segue a essa palavra que comece por consoante; *íu* (hiato), final de vocábulo, ditonga-se sempre em *iu*.

O levantamento exaustivo observou que 19 vocábulos sofreram monotongação, e dentre eles respeitam-se os apontamentos desta obra. Ainda sobre os grupos vocálicos, também se notaram 12 palavras que passaram pelo processo de ditongação, o que consta em Nunes (1989, p.79) como traço arcaico, e 56 ditongos sofreram rebaixamento de suas semivogais.

Além dos citados, temos:

Variante	Vocábulo	Ano	Justificativa
informaçoins	informações	1840	Alçamento da semivogal
capoins	capões	1785; 1841	
cains	cães	1835	
declaraçoins	declarações	1838	
informaçoins	informações	1840	
arias	áreas	1868	
tanxoins	tanchões	1848; 1849	desnasalação
contaje	contagem	1834	
parage	paragem	1808	

⁴ Ambos exemplos são vistos em documentos de séculos passados, portanto, o que se apresenta hoje como variante é uma conservação.

Para encerrar, há variações entre o uso de *ou* / *oi*. De acordo com Mattos e Silva (2006, p. 65), “já na fase arcaica há indícios da variação dos ditongos < ou ~ oi >, ainda hoje existentes nas variantes da língua portuguesa. (...) Eventualmente a variação, em desacordo com a etimologia, ocorre desde o século XIII”. Noll (2008, p. 278) justifica “a conservação tendencial do nexa < ou > [ou] (lat. < au >) em lugar da alternância com < oi > no português europeu, que remonta aos séculos XVI e XVII”. Nos documentos de Capivari, foram vistas 8 ocorrências: *lavoiras* (1835); *fouces* (1864), *couza* (1884); *dous*⁵ (1834); *poizar* (1841); *poizo* (1837); *oitubro* (1838); *oiço* (1854), dando, porém, maior evidência à conservação citada por Noll (*idem*), o que confirma a informação de Amaral (1955, p. 50) ao referir:

[...] em Portugal, bem como no falar da gente culta no Brasil, há notório sincretismo no uso de ditongos *ou* e *oi*. Para o caipira tal sincretismo não existe: os vocábulos onde esses ditongos aparecem são pronunciados sempre de um só modo. Assim, *lavôra*, *ôro*, *lôco* [...] e nunca *lavoirra*, *oiro*, etc.; por outro lado, *dois*, *noite*, *coisa*, *poiso*, *foice*, [...] nunca *dous*, *noute*, etc. Se há formas sincréticas, são raríssimas.

Consoantes

Em Amaral (1955, p. 51-53):

[...] *b* e *v*, muda-se às vezes uma na outra; *d*, cai quase sempre na sílaba final⁶; *gh*, quando compõe sílaba com os semiditongos *au*, *uá*, *eu*, *ué*, *uí*, torna-se quase imperceptível, vocalizando-se frequentemente em *u*; *l*, em final de sílaba, muda-se em *r*, [...] quando subjuntivo de um grupo, igualmente muda em *r*; *r*, cai quando final de palavra, e essa consonância é de extrema mobilidade no seio dos vocábulos, dando lugar a metáteses e hipéteses frequentíssimas; *s*, cai quando final de palavra paro ou proparoxítona; *lh*, vocaliza-se em *i*.

Na amostragem temos:

Variante	Vocábulo	Ano	Justificativa	
fedito	fétido	1835	metátese	
propia	própria	1785	Dissimilação com supressão do <i>r</i>	
impropio	impróprio	1841		
remossa	remorsa	1819	Assimilação	
porcurasão	procuração	1808	Metátese	
perciza / percisa	precisa	1829; 1857		
pertenderem	pretenderem	1835		
pedrestes	pedestres	1836		
fruquilha	forquilha	1860		
preseguições	perseguições	1864		
pertenção	pretensão	1877		
presiste	persiste	1878		
oltogaram	outorgaram	1808		Síncope
fragante	flagrante	1836		

⁵ Em Nunes (1989, p. 54): “dũus (por *dous*, assimilação), *dous* (arcaico e popular)”.

⁶ Essas ocorrências não aparecem nos documentos de Capivari.

fruiçãõ	“fluição” ⁷	1835		
fragante	flagrante	1836		
conçurtar	consultar	1850		
vurgarizaçãõ	vulgarização	1854		
vurgarizei	vulgarizei	1854		
poiar	Poial	1854		
dificurdade	dificuldade	1865		
disfarque	desfalque	1874		
debutra	debuta	1808		Epêntese de consoante
preteirtando	pleiteando	1829		
Formentar	fomentar	1882		
Hyportese	hipótese	1884		
Inclusivel	inclusive	1839; 1871	Epítese por hipercorreção	
finalmentis	finalmente	1880		

Modificações isoladas

Como citado anteriormente, nesta subseção Amaral (1955, p.53-54) organizou todos os casos que ele considerava isolados, mas, para facilitação de entendimento, neste artigo os fonemas consonantais e vocálicos estão nas subseções a que se referem. Abaixo, veremos casos em que houve variação na estrutura da palavra em relação a sílabas, observados nas páginas 53 e 54 de “O Dialeto Caipira”. São eles:

Variante	Vocábulo	Ano	Justificativa
<i>Peynhauzen</i>	Pinhalzinho	1819	Vocalização da velar e apócope
<i>orgou</i>	Outorgou	1836	Síncope e monotongação
<i>pargem</i>	Página	1785	Síncope, epêntese de consoante, apócope e nasalação
<i>quintaõ</i>	Quintal	1842	Vocalização da velar
paó	Pau	1835	Rebaixamento de semivogal e hiperbismo
nehum	Nenhum	1829	Arcaísmos com despalatização e desnasalação, respectivamente
nenhua	Nenhuma	1835	
si	Se	1835; 1841; 1844; 1863; 1867; 1884; 1886; 1888	Alçamento de vogais
sinaõ	Senão	1884	
subida	súbita	1870; 1874	<i>t</i> sonorizou-se em <i>d</i>
hoptinham	obtinha (lat. <i>obtīnēre</i>)	1808	Ensurdecimento de <i>b</i> para <i>p</i>
obtorgantes	outorgantes	1808	Regresso de <i>u</i> para <i>b</i> por provável analogia de <i>b/v < u</i>
eisporvar	estorvar	1841	Recuo do ponto de articulação <i>t</i> para <i>p</i>

⁷ Temos aqui um neologismo formado a partir da analogia com o parônimo *fruição*, cujo significado não confere com o sugerido no texto editado: “(...) ou impedir o Publico a livre fruiçãõ das l aguadas (...)”.

Formas proclíticas (nhô, seô, mea, sa, num) não foram encontradas nas transcrições.

O estudo através dos falares dos capivarianos do século XXI

Faremos a seguir o breve estudo do falar capivariano, tendo como base as entrevistas de quatro moradores da região, e, novamente, utilizando o mesmo caminho e os mesmos subtítulos de Amaral (1955) em seu capítulo sobre Fonética.

Generalidades

Como vimos, Amaral começa o capítulo (1955, p.45) comparando a prosódia caipira com a portuguesa, e, sob esse véu, comenta que “o tom geral do frasear é lento, plano e igual, sem variedade de inflexões, de andamentos e esfumaturas que enriquece a expressão das emoções na pronúncia portuguesa”. A oralidade do século XXI, no entanto, encontra uma breve diferenciação do observado pelo autor: de modo geral, o falar do capivariano não é tão plano e igual, demonstrando, justamente, as emoções através de prolongamentos nas sílabas tônicas e expressões enfáticas, assim como o uso de fáticos. Em vocábulos como *diferente* [dife'rê:te], *frente* ['frê:te], *mesmo* ['mes:mu] pode ser audível uma vogal ante a nasal. Em Noll (2008, p. 61):

Na língua coloquial brasileira, observa-se, nas sílabas tônicas, às vezes a formação de um [ª] epentético. (...) O *glide* se encontra também em outras vogais orais como nas vogais nasais [ĩ] e [ẽ] (mesa [¹ meªsa], processo [pro'seªsu], agora [a'gªra], alô [a'loª], cinco ['siªku], somente [so'mẽªti]). O fenômeno pode ser associado com uma atitude do falante natural, engajada e até afetada.

Sabendo dessa possibilidade, na pronúncia dos entrevistados, a impressão é de que há um [ª] epentético, algo como [dife'rªê:te], ['frªê:te] e [mªes:mu].

Quanto a mutações e elisões, embora se notem vários casos de alçamento, foram ouvidos quatro casos de elisões. Também não há tantas variações com as consoantes, como o *t* e o *d* do dialeto caipira, por exemplo, que não se manifestam como africadas alveopalatais antes de *e* / *i*. Segundo Noll (2008, p. 67), “a africatação é, no português brasileiro, um fenômeno urbano, o qual possui hoje o *status* de um padrão suprarregional. (...). Na zona rural de São Paulo e em áreas dos Estados do Sul, pode inexistir”.

Os fonemas e suas alterações normais

Em Amaral⁸, o *r* “possui um valor peculiar: é *linguo-dental* e guturalizado” e “para o ouvido, este *r* caipira assemelha-se bastante ao *r* inglês post-vocálico”. Verificou-se nesta região a existência do *r* retroflexo alveolar vozeado, sendo possível encontrar vários exemplos de rotacismo no qual o retroflexo destaca-se na fala. Entretanto, em relação ao trecho “não há quase vibração tremulante”, durante as entrevistas foram observados casos em que não se utiliza a fricativa glotal desvozeada, desse modo, palavras como *carro* pronunciadas como ['kaho] ou ['kaXo], são

⁸ *Ibidem*, p. 47/48.

pronunciadas como *caro* ['karo]. Assim também o são *desinterá* [dezĩte'ra], *moreu* [mo'reu] e *derubava* [deru'bava]. Segundo Silva (2005, p.39), tal fenômeno “ocorre em alguns dialetos (ou mesmo idioletos) do português brasileiro. Pronúncia típica do português europeu e ocorre em certas variantes do português brasileiro (por exemplo, em certos dialetos do português paulista)”.

Também não foi encontrada a vocalização classificada por Amaral⁹ como “explosiva gutural *gh*”. E a afirmação de que “a consonância palatal molhada *lh* não existe no dialeto” não foi comprovada, pois, embora tenham sido registrados os exemplos *veirada* [vɛya'ɫadə], *trabaia* [tra'baya] e *óio* ['ɔyɔ], os entrevistados pronunciaram vocábulos utilizando a lateral palatal vozeada, fazendo, inclusive, o contrário do comentado pelo autor: o ditongo *ia* palatiza-se em *familha* [fa'miɫə].

Vogais

Amaral (1955, p.48) chama a atenção para o aparecimento de vogais epentéticas: “quando seguidas de ciciante (*s* ou *z*) no final dos vocábulos, se ditongam pela geração de um *i*”, o que se confirma na oralidade presente, como nos exemplos: *rapaiz* [ha'paɪs], *feiz* ['feɪs], *deiz* ['dɛɪs], *luiz* ['luɪs], *traiz* ['tɫaɪs], *vocêis* [vo'seɪs], *méis* ['mêɪs] e *nóis* ['nɔɪs]. Segundo Noll (2008, p. 61), “São Paulo, Mato Grosso e o Sul do Brasil tendem à repressão do [i] epentético. Contudo, na língua popular, ela aparece.”

Ainda sobre o assunto, observa-se que o dialeto mantém outras características da língua coloquial brasileira, como: “uma tendência a dissolver (...) *clusters* consonantais formados de duas plosivas, de uma plosiva e uma fricativa ou de uma plosiva e uma nasal”¹⁰, que temos registrada em *advogado* [aɫvevo'gadu].

Nos parágrafos seguintes, o autor¹¹ também ressalva as mudanças nas vogais pretônicas, em que observa “e – inicial, aparece mudado em *i* nasal”, o “eⁿ (em, em)” segue o mesmo exemplo e o “medial muda-se frequentemente em *i*”. Em análise, a tendência para nasalação não ocorreu, todavia, os entrevistados costumam altear a vogal *e* estando ela no início do vocábulo ou entre consoantes, assim temos os exemplos de *imbora* [ĩ'boɫə], *iscola* [is'kolə], *cimitério* [simi'teɾiɔ], *cidadizinha* [sidaɫi'ziɲə], *milhó* [mi'kɔ] e *minino* [mi'ninɔ].

Nos parágrafos 10 e 12 da página 50, Amaral diz que “o – medial, muda-se muitas vezes em *u*”, ocorrendo o mesmo fenômeno para “õ (on, om)”. Novamente, constatam-se tais variantes em *português* [puɫtu'geɪs], *bunita* [bu'nitə], *fulia* [fu'lɪə], *cunsiuiro* [kũsi'giɫɔ] e *custurava* [kustu'ɫavə].

O processo de dissimilação ocorrido nas palavras, verificado através do rebaixamento das vogais para o qual se deve o comentário¹² “em *inteiro* e *indireitar*, depara-se às vezes o *i* mudado em *e*”, não foi notado durante a transcrição das entrevistas.

⁹ *Ibidem*.

¹⁰ *Op. cit.*

¹¹ *Ibidem*, p. 49/50.

¹² *Ibidem*

Quanto à afirmação sobre as postônicas¹³, “não se observou aqui a permuta de *e* final por *i*, que se observa em outras regiões do país, como não se operou a de *o* por *u*, fenômeno este que se manifestou em Portugal, ao que parece, a partir do século XVIII”. De acordo com as transcrições das entrevistas, percebemos que muitas vezes os entrevistados alteavam a vogal final de forma muito natural. De acordo com Silva (2005, p. 85-86): “para a maioria dos falantes do português brasileiro as vogais postônicas finais são distintas das vogais tônicas e são pronunciadas como [ɪ, ə, ʊ]”.

Grupos vocálicos

Amaral (1955, p.50-51) explicita as monotongações ocorridas com os grupos orais *ai*, *ei*, *ou*, e nasais *eiⁿ* (*em*), *õu* (*om*). Tais características são muito aparentes nas entrevistas, como acontece em exemplos como *braserero* [b.ʒa'ze.ʒu], *oviro* [o'vi.ʒu], *impero* [ĩ'pɛ.ʒo], *primero* [pi'me.ʒu], *carderero* [ka.ʒde're.ʒu], *sére* ['sɛɾɪ], *mantega* [mã'tegə], *caxa* ['kaʃə], *corage* [ko'ʒaʒe], *batizô* [baʒi'zo], e *torada* [to'ʒadə]

A monotongação de < ou > é dada como manutenção do português, pois tal atributo é encontrado “entre metade e dois terços de Portugal” (NOLL, 2008, p. 282). Nas sílabas finais, temos como amostragem: *espalhô* [espa'ʎo], *valorizô* [valo.ʒi'zo], *sismô* [sis'mo], *começô* [kome'so] e *guardô* [gwa.ʒ'do].

Não foi raro encontrarmos variantes como a redução da desinência verbal da 3ª pessoa do plural – *am* em [u], e desnasalação, como em *compraro* [kõ'p.ʒa.ʒu] e *dexaro* [de'ʃa.ʒu]. Noll (2008, p. 225) nota que:

[...] a tendência à desnasalização de nasais átonas em posição final, na língua popular (*homem* ['omi], *eles falam* > ['falu], ['fala]) aparece também no Norte de Portugal (Entre Douro e Minho; Baixo Minho: “*homem*”; “*eles amo*”), no Sul (Baixo Alentejo: *foram* ['foru]) e é, no português europeu, testemunhado no teatro do século XVIII (TEYSSIER, 1983, p. 607), assim como no português medieval (DELP, *homem*).

Em (AMARAL, 1955, p. 51) “*bom, tom e som* – muda-se em *ãõ*” não foi observado nas transcrições, todavia, ocorrem *pistom* [pis'tõu] e *questam* [kes'tã].

Além destes, o autor¹⁴ fez o seguinte comentário: “*ío* (hiato) – final de vocábulo, ditonga-se em *íu*”, algo verificado duas vezes através do exemplo *tio* ['tiw].

Consoantes

No parágrafo 20, Amaral (1955, p.51) relata que o “*d* – cai quase sempre na sílaba final das formas verbais em *ando, endo, indo*”. Tal fenômeno apareceu somente durante a entrevista com Sr. O.T., 91 anos, que pronunciou algumas vezes vocábulos como *trabalhano* [tra'baʎanʊ], *puxano* [pu'anʊ] e *falano* [fa'lanʊ].

Quanto à consoante *l*, a obra (1955, p.52) traz “em final de sílaba” e “quando subjuntivo de um grupo, igualmente se muda em *r*”. Este rotacismo apresenta-se em

¹³ *Ibidem*

¹⁴ *Ibidem*.

vorta ['vɔɹta], *arfaiate* [aɹfaɹ'ate], *crube* ['krubi], *mavardeza* [mavaɹ'dezə], *pobrema* [po'bremə], *Amarar* [ama'raɹ] e *temporar* [tẽpo'raɹ].

Em relação ao *r*, Amaral¹⁵ registrou que “cai, quando final de palavra” e “esta consonância é de extrema mobilidade no seio dos vocábulos, dando lugar a metáteses e hipérteses frequentíssimas”. Ainda hoje são encontrados os exemplos como *açuca* [a'suka], *pobrema* [po'bremə], *drento* [dɹẽ'tu], *milhó* [mi'kɔ], *quarqué* [kɹa'kɹɛ], *morrê* [mo'ɹe] e *explicá* [espli'ka].

Da mesma forma ocorre com o *s* que “cai, quando final de palavra *paro* e *proparoxítona*”¹⁶ e “conserva-se nos adjetivos determinados e nos pronomes, ainda que graves, o que se explica pela posição proclítica habitual [...], quando não há próclise, se submete à regra [...] à necessidade de manter um sinal de pluralidade”. Hoje temos *mai* [maɹ], *nói* [nɔɹ], *ficamo* [fi'kamɔ], *quantos lugar* ['kɹãtos lu'gaɹ], *dois home* ['doɹs 'ɔme], *os branco* [ɔs 'brãku].

Modificações Isoladas

No dialeto caipira, Amaral (1955) denominou todas as alterações citadas acima como “normais”, e criou um subitem para abordar os demais casos de metaplasmos aos quais ele chamou de “acidentais”. Percebemos, com um maior número de exemplos, que muitos fenômenos apontados permaneceram e acrescentaram-se outros. Próteses e epíteses não foram observadas durante as entrevistas:

Variante	Pronúncia	Vocábulo	Justificativa
Cavalim	[kava'lĩ]	Cavalinho	Apócope
Mi	['mi]	Mil	
Padanto	[pa'dãtu]	Para dentro	Sândi
Pocê	[po'se]	Para você	
Procê	[pɹo'se]	Para você	
Borrecido	[boxe'sidu]	Aborrecido	Aférese
Brigado	[bɹi'gadu]	Obrigado	
Cabo	[ka'bo]	Acabou	
Cê	['se]	Você	
Guenta	['g'ẽta]	aguentar	
Manhecia	[maɹe'siɛ]	Amanhecia	
Ocê	[o'se]	Você	
Rebentô	[xebẽ'to]	Arrebentou	
Tá	['ta]	Está	
Tava	['tava]	Estava	
Tô	['to]	Estou	

¹⁵ *Ibidem*, p. 53

¹⁶ *Ibidem*.

Compania	[kõpa'nja]	Companhia	Despalatização
Qualhado	[k ^w a'ʎadu]	Coalhado	Assimilação
Qualhava	[k ^w a'ʎavɐ]	Coalhava	
Ventri loco	[vẽ'triloku]	Ventríloquo	
Ni	['ni]	Em	Metátese
Dento	['dẽtu]	Dentro	Síncope
Lemba	['lẽba]	Lembrar	
Memo	['memu]	Mesmo	
Oto	['otu]	Outro	
Pa	['pa]	Pra	
Po	['po]	Pro	
Pocissão	[posi'sãu]	Procissão	
Pocura	[po'kuɾɐ]	Procura	
Precia	[pɾe'siɐ]	parecia	
Tatador	[tata'doɾ]	Tratador	
Côa	['koa]	Com a	Eclipse
Vim	['vĩ]	Vir	apócope de /r/ e nasalação
Co	['ko]	Com	desnasalação

Conclusão: comparando os séculos XIX e o XXI

Ao final desta pesquisa, percebemos a quantidade de vocábulos que se conservaram durante dois séculos. Para começar, as sílabas tônicas continuam a sofrer pouquíssimas mudanças: dos 72 documentos estudados, foram encontradas apenas vinte e duas ocorrências, e na análise das entrevistas, um número inferior a dez. Ou seja, a antiga tendência latina de não alterar a tônica permanece.

Quanto à variação das vogais pré e postônicas, Mattos e Silva (2006, p. 58) relata que havia uma grafia variável na fase arcaica, e o grande número de variantes no XIX demonstrou que havia dúvida quanto ao uso de /e/, /i/, /o/, /u/. As transcrições das entrevistas revelam a abundância de alçamento das vogais, remetendo a uma herança trazida há séculos que o português brasileiro, não apenas o caipira, mantém.

Também é brasileira a conservação dos ditongos < ou > (NOLL, 2008, p. 278) em vez de < oi >. Mattos e Silva (2006, p. 65) afirmou haver “indícios de variação” na fase arcaica. Amaral (1955, p. 50) havia dito não haver mais o uso natural deste na fala caipira. Embora os documentos tenham trazido 31 exemplos de uso de < oi >, a aparição de < ou > foi superior, e a ausência de casos deste tipo na fala dos entrevistados demonstra que já há uma escolha feita para qual ditongo utilizar, pelo menos, dentro do dialeto caipira em Capivari. Quer dizer, a escolha vai aparecer enquanto não houver a monotongação. Vemos que este fenômeno vem transpassando os séculos: basicamente

os mesmos exemplos vistos no XIX, são ditados no XX e aparecem no XXI. Do mesmo modo a ditongação através da vogal epentética em sílaba final e no rompimento de *clusters*, considerando os exemplos nos fólios de 1854, 1860 e 1884. Segundo Noll (2008, p. 279), estas variantes são inovações do português brasileiro “em comparação com o *standard* europeu”.

Ainda segundo o autor (*idem*) sobre a vocalização do /l/ implosivo, “evidencia-se que o vocalismo brasileiro, em comparação com o europeu, se apresenta com traços essencialmente conservadores”. Os casos de 1808 (*oltogaram*) e 1842 (*quintaõ*) testemunham o uso, o que também foi algo corrente nas entrevistas.

Quanto à queda do /r/ final, mostrada no fólio de 1883, as transcrições das entrevistas demonstram ser uma constante no XXI. Segundo Noll (*idem*, 280), “o português brasileiro se destaca por uma tendência manifesta e sistemática de eliminar a consoante final”. Casos com /s/, /l/, ou monotongação da desinência verbal encontrada no XXI não foram captadas durante o levantamento exaustivo nas edições.

Entretantes, houve os registros de desnasalações, como *contaje*, no fólio de 1834, e *parage* em 1808, e *corage* no XXI. Ao mesmo tempo, permanece a apócope da nasal palatal vozeada: o exemplo *Peynhauzen*, de 1819, repete-se em *cavalim*.

Outras demonstrações de herança são os casos de síncope: variantes como *cadavres*, de 1851, *pargem*, de 1785, *priudo*, de 1864, são evidências da existência deste tipo de fenômeno no dialeto caipira. Assim como /r/ em meio à palavra: o número de metáteses, rotacismos, dissimilações e sínopes nos fólios aparecem ao longo do XIX, como *porcurasão*, de 1808, *furquilha*, de 1843, *conçurtar*, de 1850, *preseguições*, de 1864, *dificurdade*, de 1865, *formentar*, de 1882, *hyportese*, de 1884.

Para finalizar, as nasalações e ditongações das sílabas iniciais, como *enconomizar*, de 1854, e *eistinctos*, de 1841, não foram encontradas nas entrevistas do XXI, assim como os casos de sândi e eclipse vistos neste século não aparecem no XIX. E o caso à parte de *cidadões* é apontado desde 1850.

Desta forma, a partir das comparações com a obra *O Dialeto Caipira* (1955) é possível verificar desde o século XIX os apontamentos feitos pelo autor, e mesmo com a democratização do ensino, as principais características do linguajar não foram perdidas, ao contrário do que pensava Amaral (*idem*, p.41) ao afirmar que o dialeto caipira “acha-se condenado a desaparecer em prazo mais ou menos breve”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*. São Paulo: Anhembi, 1955.

CARDOZO, Suzana; FERREIRA, Carlota. *A dialetologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.

CALDCLEUGH, Alexander. *Travels in South America, During the Years 1819-20-21: Containing an Account of the Present State of Brazil, Buenos Ayres, and Chile*. V.1. Londres: John Murray, Albemarle Street, 1825.

KOCK, Ingedore G. Villaça. *Gramática do Português Falado. Volume IV: Desenvolvimentos*. 2. ed. São Paulo: Editora Unicamp, 2002.

- MEGALE, Heitor (org.). *Filologia Bandeirante. Estudos 1*. São Paulo: Humanitas, 2000.
- NOLL, Volker. *O português brasileiro: formação e contrastes*. Tradução de Mário Eduardo Viaro. São Paulo: Editora Globo, 2008.
- NUNES, José Joaquim. *Compêndio de gramática histórica portuguesa*. Lisboa: Clássica, 1989.
- OLIVEIRA, Fernão de. *A gramática da linguagem portuguesa: introdução, leitura atualizada*. Lisboa: Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 1975.
- SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. *O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe*. São Paulo: Editora Contexto, 2006.
- SILVA, Thaís Cristófar. *Fonética e Fonologia do Português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 8. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2005.
- SILVEIRA, Ana Amélia Menegasso da; TENANI, Luciani Ester. *Elevação vocálica no dileto do interior paulista: contribuições para os estudos de variação fonológica do português do Brasil*. *Revista de Estudos Linguísticos*, Araraquara, v. 36, n. 1, jan./abr. 2007. Disponível em: <<http://gel.org.br/4publica-estudos-2007/sistema06/01.PDF>> Acesso em: 29 ago. 2007.
- TEYSSIER, Paul. *História da língua portuguesa*. 4ª edição. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1984
- VASCONCELOS, José Leite de. *Opúsculos. Volume 1*. Coimbra: Imprensa da Universidade. 1928.
- VIARO, Mário Eduardo. *Por trás das palavras. Manual de etimologia do português*. São Paulo: Editora Globo. 2004.
- WILLIAMS, Edwin B. *Do latim ao português. Fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Desegra Sociedade Editora e Gráfica Ltda., 1961.

